Maria Ângeles Navarro é leiga e doutora em teologia. Trabalhou durante três anos no Brasil, no ITEO de Campo Grande, MS. Atualmente, leciona na Universidade Pontifícia Comillas, Madri, Espanha.

CONTEMPLAÇÃO PARA EU ME DEIXAR ALCANÇAR PELO AMOR DE DEUS [EE 230-237]

Maria Ângeles Navarro

É o último exercício. Nos retiros de oito dias, passa despercebido entre as malas a ser feitas, a arrumação do quarto, querendo deixá-lo limpinho para a próxima turma, as ligações, as despedidas... Mas a última contemplação não é um enfeite dos Exercícios. Muito pelo contrário, é lá onde o exercitante tem a chance de recolher o fruto do retiro.

Sempre é bom emendar-se de algum defeito ou fazer algum bom propósito. Mas não é esse o fim dos Exercícios, sobretudo, porque os propósitos nascem sempre da observação das próprias limitações. A gente percebe que alguma coisa não está dando certo e tenta mudar. Mas a principal finalidade dos Exercícios é justamente que o homem e a mulher deixem de olhar para si mesmos e olhem só para aquele que os criou.

É perigoso imaginar a Contemplação para alcançar o amor como se estivesse fora dos Exercícios. Pois, na contemplação da vida de Jesus, o exercitante já não fez a sua eleição ou a sua reforma de vida, que confirmou com a contemplação dos mistérios pascais? Como ainda pode faltar mais alguma coisa? Por acaso, é possível alguém que ainda não alcançou o amor fazer uma boa eleição?

Quando a Contemplação para alcançar o amor é estudada desde pressupostos teóricos, é normal que sejam consideradas suas relações com o Princípio e Fundamento [23] e pesquisado o lugar onde esta contemplação deveria se situar. Mas, na experiência de Exercícios e quando se dá a ela o tempo necessário, a realidade é que ela funciona como "repetição" dos Exercícios todos. Por isso, fica bem claro que as suas relações com o Princípio e Fundamento são, necessariamente, estreitas.

Se, no Princípio e Fundamento, o exercitante se encontrava diante da tarefa para um mês, agora se encontra diante de uma tarefa para a vida toda. No mês de Exercícios, o exercitante alcançou amor bastante como para fazer uma boa eleição — uma eleição honesta, não interesseira — mas, provavelmente, não alcançou ainda o amor bastante para garantir que não vai retomar seus interesses individuais na primeira oportunidade.

AS NOTAS

Santo Inácio coloca duas notas que convém analisar:

"A primeira, que o amor deve consistir mais em obras do que em palavras" [230]

Esta nota pode não ser bem entendida. Não parece outra coisa senão que Santo Inácio esteja puxando a orelha da gente. Começar desse jeito mais parece uma cobrança. O exercitante está sentindo amor, isso é claro. A vida está aguardando "lá fora", onde ele ou ela deve mostrar que o amor que sente é verdadeiro... Mas não é isso que Santo Inácio está querendo dizer. O que Santo Inácio vai fazer nos quatro pontos da contemplação é justamente mostrar que o amor de Deus é verdadeiro, porque consiste em obras mais do que em palavras.

Santo Inácio vai mais além ainda:

"A segunda, que o amor consiste na comunhão mútua, a saber, a pessoa que ama dá e comunica à pessoa amada aquilo que tem ou parte do que tem, e o que pode. E esta procede do mesmo modo com relação àquela que a ama. Deste modo, se uma possui ciência, comunica-a àquela que não a tem; e se dispõe de honras e riquezas, do mesmo modo. E assim reciprocamente uma para com a outra" [231].

Esta nota provoca a nossa perplexidade. Pode-se tomar a sério que exista reciprocidade de qualquer coisa entre Deus e nós? É claro que desse amor "recíproco" a gente não pode senão tirar vantagens. A intenção de Inácio é evidente: tudo que temos — inclusive, nós mesmos — é presente de Deus. Deus está, assim, mostrando seu amor para conosco. Mas «o amor consiste na comunhão mútua».

É sempre certo que o amor seja reciprocidade? Que acontece então com a gratuidade do amor de uma mãe para com seu nenê? E com os amores não correspondidos? Não parece senão que Santo Inácio esteja pensando num amor de amizade: "Já não vos chamo servos, senão amigos" (cf. Jo 15,15). Não basta que Deus ame o/a exercitante, é preciso que o/a exercitante reconheça esse amor e corresponda a ele. De que jeito? Do único modo possível: enchendo seu coração de gratidão e se entregando sem reservas Àquele que primeiro se entregou sem reservas à ou ao exercitante.

OS PREÂMBULOS

Os preâmbulos, como sempre, são a composição de lugar e a petição da graça para o exercício. Ambos vão nos dar a entender muito claramente quais os objetivos de Santo Inácio para esta contemplação.

Depois da oração preparatória habitual[1], a composição de lugar é:

«Considerar-me diante de Deus nosso Senhor, dos Anjos e dos Santos que intercedem por mim» [232].

Se o lugar da Primeira Semana era o meu pecado[2] e o lugar das outras sema-

1.«A *oração preparatória* consiste em pedir graça a Deus nosso Senhor para que todas as minhas intenções, ações e operações sejam dirigidas unicamente ao serviço e louvor de sua divina Majestade» [46].

2. «O *1º preâmbulo* é a composição do lugar. É de notar aqui que, se o assunto da contemplação ou da meditação for uma coisa visível, como na contemplação de Cristo nosso Senhor, que é visível, esta composição consistirá em representar, com o auxílio da imaginação, o lugar material onde se encontra o objeto que quero contemplar. Lugar material, digo, como o templo, ou o monte onde se encontram Jesus Cristo ou Nossa Senhora, conforme o mistério que escolhi para a contemplação. Se o assunto da meditação for coisa invisível, como são nesta os pecados, a composição do lugar consistirá em ver com os olhos da imaginação,

nas eram as diferentes partes da Palestina por onde Cristo passou, aqui, o lugar é toda a corte celestial intercedendo por mim. Podemos ficar um pouco sem graça «diante de Deus nosso Senhor, dos Anjos e dos Santos», turma grande demais em número e importância para se preocupar por mim. A imagem ainda poderia lembrar o Juízo final, só que, aqui, eles não estão me julgando, eles estão torcendo por mim! Talvez seja esta a intenção de Inácio: que, quando faço a experiência de Exercícios, eu perceba que para mim o Juízo é de salvação, não por mérito nenhum da minha parte, mas pelo grande amor que Deus me tem[3]. Santo Inácio não fala do amor que Deus tem por todos os seres humanos, mas do amor que Deus tem por mim.

Quando alguém experimenta o amor de Deus, a experiência é de ter sido escolhido, de ser um privilegiado. Para alguém que ainda não experimentou, pode parecer uma injustiça, mas essa foi a experiência do Povo de Israel, essa foi a experiência dos profetas, e essa é a experiência de todo aquele que foi alcançado pelo amor de Deus.

O segundo preâmbulo é a graça a ser pedida:

«Aqui pedirei um conhecimento interno de tantos benefícios que recebi de Deus a fim de que, reconhecendo-os inteiramente, possa amar e servir em tudo a sua divina Majestade» [233].

«Que sinta interno conhecimento dos meus pecados» [63], «sentimento interno da pena que padecem os condenados» [65], «conhecimento interno do Senhor que por mim se fez homem, para que mais o ame e o siga» [104], «conhecimento dos enganos do mau caudilho e conhecimento da verdadeira vida que revela o Supremo e verdadeiro chefe» [139]. Os exercitantes são constantemente convidados a pedir o conhecimento interno, próprio de cada exercício. Por que tanta insistência?

Como Santo Inácio disse nas anotações: «porque não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear as coisas internamente» [2]. O que isso está querendo dizer na Contemplação para alcançar amor é que o objetivo da contemplação não é fazer um inventário de todos os dons recebidos, mas sentir com grande afeto que tudo que a gente é e tudo que a gente tem é presente de Deus, ou melhor, o objetivo é que nos sintamos envolvidos pela presença e pelo amor de Deus, sintamos que tudo está imerso em Deus: o ar que respiramos, o chão que pisamos, as coisas que tocamos, como também os acontecimentos nos quais estamos imersos e, acima de tudo, os homens e as mulheres, que encontramos diariamente.

Qual a atitude que Santo Inácio nos convida a ter? O Pe. Nadal chamou esta atitude de «contemplativos na ação», só que isso nem sempre tem sido bem compreendido. Contemplativo na ação não é aquele ou aquela que não precisam de uma vida de oração, porque para eles o trabalho já é oração. Nesta contemplação, não parece que estejamos diante de alguém que está na atitude passiva da criancinha que se sabe nas mãos de Deus, mas também não se fala em atividade, responsabilidade, compromisso, trabalho pastoral...

e em considerar a minha alma encarcerada neste corpo corruptível, e a mim mesmo, isto é, o meu corpo e a minha alma, neste vale (de lágrimas), como desterrado entre brutos animais» [47].

3. Novamente, achamos aqui o que já vimos no 2º preâmbulo da Primeira Semana: «...vendo quantos têm sido condenados por um só pecado mortal, e quantas vezes eu mereceria ser condenado para sempre por meus pecados tão numerosos» [48]... o que evidentemente não aconteceu.

A graça que pedimos para esta contemplação é conhecimento interno — conhecimento que é impossível alcançar de um outro jeito senão por meio de uma intensa vida de oração — de tantos benefícios recebidos de Deus, para, «reconhecendo-os inteiramente» — o que, repito, só pode ser feito a partir de uma vida na qual a oração explícita seja uma realidade continuada —, possa amar e servir em tudo.

"Para" não significa tanto uma finalidade quanto uma necessidade. O conhecimento interno tem em si mesmo sua própria finalidade, mas, sem esse conhecimento, não é possível «amar e servir em tudo». É também por isso que o amor vai na frente do serviço, porque, amando em tudo, o serviço está garantido, sem importar que, aos olhos daqueles que carecem desse conhecimento interno, possa parecer que não há serviço nenhum: assim na vocação — especial, mas não por isso menos verdadeira — a uma vida contemplativa, na doença, ou na realidade de tantas pessoas que passam despercebidas.

OS PONTOS

Se, para os Três graus de humildade, não se dava um tempo, pelo menos, tínhamos umas indicações: «refletindo sobre eles, de tempos em tempos, por todo o dia» [164]. Aqui, não temos indicação nenhuma. Fica à discrição do acompanhante o que fazer com a contemplação, o que, em definitivo, dependerá das circunstâncias concretas nas quais esteja acontecendo a experiência de Exercícios. Quando os Exercícios são totalmente personalizados e o/a exercitante fez o mês de Exercícios anteriormente, pode ser de grande utilidade dedicar vários dias a esta contemplação, como repetição do mês. De qualquer modo, a contemplação consta de quatro pontos, matéria bastante para fazer quatro exercícios, isto é, um dia completo ou dois, se são propostas as repetições, o que se pode fazer com muito fruto.

A beleza literária desta contemplação — contra o costume nos Exercícios — pode ser seu maior perigo: o exercitante pouco prevenido — nem sempre o mais novato — pode se deixar permanecer na superfície. Na verdade, a Contemplação para alcançar o amor é muito mais do que uma contemplação da natureza.

1. A MEMÓRIA: O SENHOR SE ENTREGOU POR MIM.

"Passarei pela memória os benefícios recebidos como a Criação, a Redenção e os dons particulares, ponderando com muito afeto quanto Deus nosso Senhor fez por mim, quanto me deu daquilo que tem, e, conseqüentemente, como este mesmo Senhor deseja dar-se a si mesmo, quanto dele depender, conforme os seus divinos desígnios.

E, em seguida, refletindo comigo mesmo, considerarei como é de toda a razão e justiça que eu ofereça e dê à sua divina Majestade todos os meus bens e a mim mesmo com eles, como quem oferece um presente, com toda a afeição:

"Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, a minha inteligência e toda a minha vontade, tudo o que tenho e tudo o que possuo. Vós mo destes; a Vós, Senhor, o restituo. Tudo é vosso; de tudo disponde segundo a vossa vontade. Dai-me o vosso amor e a vossa graça, que isso me basta" [234].

Para Santo Inácio, a memória não é memória ou lembrança pessoal, mas memória da História da Salvação, memória da Igreja. Na Primeira Semana, o exercitante era convidado a «aplicar a memória ao primeiro pecado, que foi o dos anjos" [50], e «trazer à memória como, por este pecado, [Adão e Eva] fizeram tão longa penitência» [51]. À memória, deve

trazer também o exercitante "os pecados da sua vida" [56] ou "as almas que estão no inferno" [71].

Esta memória dos benefícios recebidos deve ser feita «com muito afeto». Não é uma reflexão, nem um balanço. É uma memória cheia de amor pela criação (o que quer dizer, sobretudo, pela própria vida), pela redenção (porque eu fui redimido/a), e pelos dons particulares, isto é, por tudo quanto o Senhor fez por mim. Ainda mais: não é só memória, é também promessa de futuro: «Conseqüentemente, como este mesmo Senhor deseja dar-se a si mesmo, quanto dele depender, conforme seus divinos desígnios».

Aqui, há uma questão prévia que pode atrapalhar bastante: para fazer esta contemplação, é preciso que a gente tenha uma mínima confiança em si mesmo. Quando alguém guarda uma profunda mágoa por seu passado, ou nunca experimentou a gratuidade do amor humano, ou tem algum problema de aceitação de si mesmo, dificilmente vai poder agradecer os benefícios recebidos, que fundamentalmente não são as árvores e os pássaros da casa de retiros — é importante insistir nisso —, mas a própria vida nas mãos de Deus. Por isso, pelo menos nos Exercícios de oito dias, muitos acompanhantes costumam abordar este assunto no Princípio e Fundamento, pois é realmente algo fundamental.

Deste conhecimento interno de tanto bem recebido, surgirá, "com toda a afeição», o oferecimento de mim mesmo/a: «Tomai, Senhor, e recebei..."[4].

2. A PRESENÇA: O SENHOR SE FAZ PRESENTE A MIM EM TODAS AS COISAS

«Considerarei como Deus está presente nas criaturas. Nos elementos, dando-lhes o ser. Nas plantas, dando-lhes a vida vegetativa. Nos animais, a vida sensitiva. Nos homens, a vida intelectual. Em mim, dando-me a existência, a vida, a sensibilidade e a inteligência: e tendo-me criado à imagem e semelhança de sua divina Majestade, fez de mim um templo seu.

E aqui refletirei de novo comigo mesmo, como se disse no primeiro ponto, ou de qualquer outro modo que me parecer preferível» [235].

«Deus está presente nas criaturas», Deus habita em todas as criaturas. Santo Inácio não está dizendo unicamente que Deus é o criador de tudo quanto existe. Não podemos esquecer que estamos contemplando e que o objeto da nossa contemplação não são as «coisas», senão Deus mesmo. Amar Deus nas suas obras não é amá-lo por meio das suas obras, nem é amá-lo por causa das suas obras, mas perceber sua presença atual nas suas obras. Não basta reconhecê-lo como Criador e como Senhor, senão reconhecer sua presença em tudo.

É importante perceber que o termo da contemplação sou novamente eu. A consideração de Deus presente nas criaturas vai ascendendo como por uma escada: «Nos elementos... Nas plantas... Nos animais... Nos homens... Em mim...». Considerar como Deus está presente em mim é o que Santo Inácio pretende com este exercício.

O que, em definitivo, vai provocar o meu oferecimento total e cheio de afeto não é a presença do Senhor em todas as coisas, mas a profunda experiência de fé em que o Senhor está presente em mim, mantendo — Santo Inácio disse «dando-me» (e não simplesmente me deu) — a minha existência (como fez com os elementos), a minha vida (como fez com as plantas), a minha sensibilidade (como fez com os animais), a minha inteligência (como fez com os homens): «E tendo-me — a mim — criado à sua imagem e semelhança...». Quando Santo Inácio fala do resto dos homens, só fala da sua inteligência. Imagem de Deus, templo seu, sou eu.

Quem pensa que esse é o fruto de uma teologia individualista ou de uma atitude anti-comunitária de Inácio nunca teve uma experiência como a que Santo Inácio tenta provocar a esta altura naqueles que fazem os Exercícios: o «conhecimento interno» da eleição pessoal, que vai fazer com que o/a exercitante sinta grandes desejos de se entregar totalmente a Cristo. Esta é a diferença entre a oração e a teologia. Por isso, o apóstolo que criou a imagem da Igreja como Corpo de Cristo, pode dizer: «me amou e se entregou por mim» (Gal 2,20).

3. A AÇÃO: O SENHOR TRABALHA POR MIM.

«Considerarei como Deus age e trabalha por mim em todas as coisas criadas sobre a terra, isto é, procede à semelhança de quem trabalha. E isso nos céus, nos elementos, nas plantas, nos frutos, nos animais, etc. Dando-lhes e conservando-lhes o ser vegetativo, sensitivo, etc.. Depois, refletirei comigo mesmo» [236].

«Deus age e trabalha por mim», só que — à diferença dos pontos anteriores — não fala de mim, mas das coisas mesmo. Parece que, antes do que a presença, deveria estar o trabalho de Deus. Será que Santo Inácio errou a ordem dos pontos? É claro que não. O centro da contemplação não é a criação, senão a relação pessoal de Deus com o/a exercitante. E é aos poucos que Santo Inácio vai abrindo seu horizonte. No primeiro ponto, Deus e o/a exercitante estão um olhando para o outro (seria como o noivado). No segundo, os dois são já uma só coisa. No terceiro, Deus procura o sustento dos dois. Por último — e esse é o objetivo —, o/a exercitante deixa Deus agir, ganhando dele um ser e um agir que é de ambos.

«Deus age e trabalha»: por causa de preconceitos teológicos, Santo Inácio corrige: «isto é, procede à semelhança de quem trabalha». Não interessa aqui a questão aristotélico-tomista: a simplicidade de Deus que não tolera o movimento. Interessante é que Santo Inácio corrige, mas não suprime. A Bíblia disse que Deus criou o mundo em seis dias e, no sétimo, descansou (cf. Gn 1). Muitas pessoas acham que a criação já foi feita e, por conseguinte, Deus continua a descansar desde então. Muitas pessoas acreditam que, quando a gente reza, então, Deus pode escutar e agir em nosso favor, mas, se nós não pedimos, então, Deus talvez esqueça. Não é este o lugar para fazer uma exegese desse texto da criação, mas, é importante sublinhar que Deus não age ao nosso modo: nós fazemos qualquer coisa e, depois, nós podemos abandoná-la e a coisa fica lá. Isso é porque tudo (mesmo o que nós fazemos, que não é criação senão transformação) tem sua subsistência em Deus. Pelo contrário, se Deus abandonasse sua criação, esta deixaria de existir.

Deus sustenta tudo com seu amor e continua a criar tudo cada dia e isso ele faz por mim. Isso quer dizer — como tantas vezes se pensou — que, por conseguinte, as coisas são nossas e podemos explorá-las como quisermos? Ora, isto só faz "filhinho/a de papai". Quando recebemos um presente muito custoso de alguém, que nos ama e a quem nós amamos muito, sentimos que, neste objeto, está presente a pessoa amada de algum modo misterioso e, por isto, tem algo de sagrado. Será diferente ou será muito mais sagrado tudo o que Deus mesmo está me presenteando? Será que Deus está trabalhando para que eu possa «utilizar» e dissipar de qualquer jeito ou para que eu «cuide» como a gente cuida do que sente como verdadeiramente seu? Assim, eu sentirei a

4. Aprofundaremos este oferecimento nas conclusões.

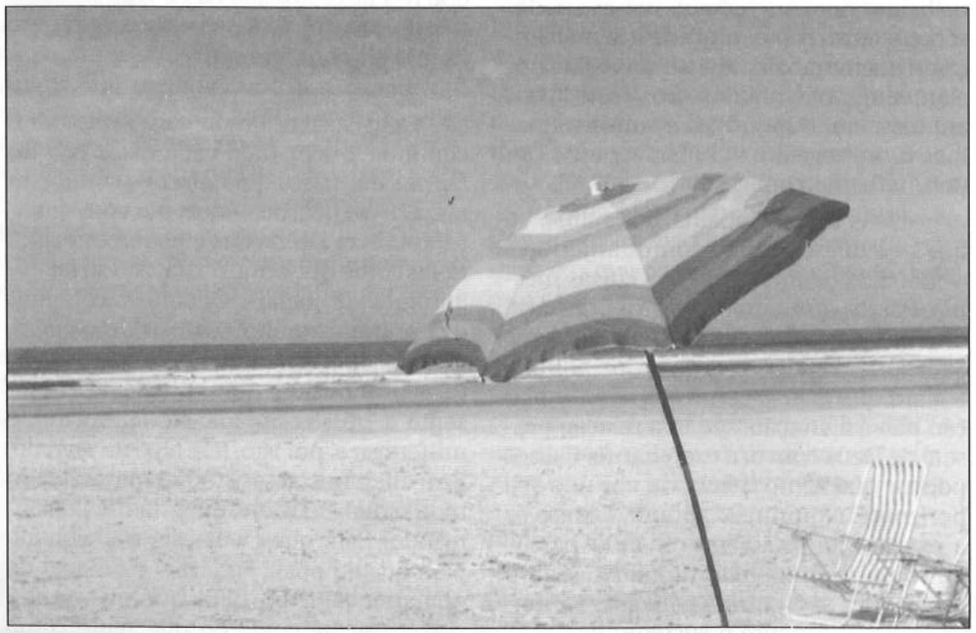
natureza como a minha casa e aos homens e mulheres como meus irmãos. E sentirei também que, sendo tudo trabalho de Deus, não tenho direito de acumular como uma «plusvalia», uma reserva abusiva, o que é, afinal de contas, dele.

4. A PARTICIPAÇÃO: TUDO DE BOM QUE EU FAÇO É O SENHOR QUE FEZ EM MIM

«Considerarei como todos os bens e todos os dons vêm do alto: a minha potência limitada, por exemplo, da potência soberana e infinita do alto. E, do mesmo modo, a justiça, a bondade, a piedade, a misericórdia, etc., assim como os raios derivam do sol e as águas, de sua fonte, etc. Terminarei, depois, refletindo comigo mesmo, como se disse» [237].

O que até agora alguns poderiam ter qualificado — mesmo que injustamente — de atitude «egoísta», ou, pelo menos, «egocêntrica», quebra aqui sua lógica. Sou eu que recebo tudo, parece que o único que conta sou eu. Só que eu sou «como os raios que derivam do sol e as águas, de sua fonte»; eu sou como um espelho, não sou outra coisa que aquilo mesmo que recebo. Sou como uma torneira: as pessoas bebem da minha água mas não sou eu a fonte. Todos os benefícios que eu recebo de Deus — e a minha vida é o primeiro de todos — não são para eu guardar, mas para eu passar adiante, com a confiança inquebrantável de que eu posso me abandonar nas mãos de Deus, porque Deus nunca vai me abandonar.

Nos três primeiros pontos, eu era convidado/a a considerar que tudo que eu sou e tudo que eu tenho é um presente de Deus para mim. Agora, contemplo a minha existência como um presente para os outros. Parece que chegamos ao máximo da espiritualidade. E é justo esse máximo que nos coloca no meio, lá onde está a virtude. Entre os acostumados a exercer liderança espiritual, às vezes, encontramos grandes dificuldades em aceitar ajuda dos outros. Há também aqueles outros — muito mais numerosos — que não querem aparecer, ou dizem que não dão conta, ou acham — acham mesmo? — que não têm preparo, não têm forças, não são dignos... Entre a soberba de quem acha que não precisa de ninguém e a falsa humildade de quem acha que não tem como trabalhar pelo Reino de Deus, está a humildade verdadeira de quem reconhece tudo de bom que Deus deu para ela ou para ele. Sabe que tudo o que Deus nos deu não é para abafar, mas para deixar crescer e dar fruto que outros possam desfrutar.



"Agora a claridade se difunde" (E. Montale, "Na praia")

A Contemplação para alcançar o amor — e, particularmente, este quarto ponto — é também o ponto intermediário entre os que procuram na oração um prazer solitário e infecundo e os que só valorizam a ação, com critérios de eficácia imediata. Ambas atitudes ficam na superfície, e ambas não têm nada a ver com o «conhecimento interno» do Senhor e de todos os benefícios recebidos dele para serviço dos outros.

Para eu perceber a Deus em tudo, ainda mais, para eu perceber a Deus em tudo que eu sou, em tudo que eu tenho, e em tudo que eu faço, é preciso uma intensa e contínua vida de oração. Não há atalhos. De outro lado, se eu acho que levo uma intensa e continuada vida de oração, mas, quando os outros olham para mim, só encontram comigo mesmo e não com Cristo, isso significa que eu não estou contemplando Deus, mas a minha própria imagem. Geralmente, é preferível aquele que não reza e sabe que não reza, do que aquele que não reza e acha que reza.

Não há contradição entre a contemplação e a ação, porque não é uma questão de tempo. Cada um — sem arrumar pretextos para não trabalhar ou para não rezar — sabe quanto tempo precisa para renovar seu «conhecimento interno» e oferecer sua vida «com toda a afeição», e não só para cumprir tabela.

É importante não esquecer que não podemos medir a nossa eficácia pastoral com critérios empresariais. Não importa quantos sejam os nossos trabalhos pastorais ou ainda o lugar que ocupemos na Igreja: todo o nosso trabalho se resume em sermos imagens de Cristo, em sermos o bastante transparentes, de tal modo que os outros — sem preconceitos, mas também sem precisarem ser adivinhos — possam descobrir a Cristo em nosso rosto, nosso jeito e nossas ações. Isto é o único importante, o jeito concreto de ser outro Cristo, isto é segui-lo. Cada um terá que providenciá-lo, ou já o terá providenciado. Os Exercícios são a melhor oportunidade para esta eleição, ao menos, quando a falta de decisão tenha sido motivada pela falta de amor, embora eles não possam substituir outras experiências que devem suceder na vida cotidiana.

CONCLUSÃO: "TOMAI, SENHOR, E RECEBEI..."

Obras e palavras [230], comunhão mútua [231], Deus nosso Senhor, os Anjos e os Santos intercedendo por mim [232], ação de graças [233], memória [234], o Senhor deseja dar-se a si mesmo [234], Deus presente nas criaturas [235], participação em todos os dons que vêm do alto [237]. «Tomai e recebei» [234].

Conhecida é a devoção eucarística de Santo Inácio. No seu Diário espiritual, tudo gira em torno da eucaristia. Será muito ousado afirmar que este é o sentido da Contemplação para alcançar o amor? Depois da Primeira Semana, a Segunda e a Terceira semanas foram de convívio com o Senhor na sua vida mortal. Na Quarta, o/a exercitante experi-

menta sua glória. E agora? Quando a vida começa de novo, o Senhor não vai abandonar o/a exercitante: ele ou ela vão procurar o Senhor em todas as coisas e todas as coisas nele (cf. Const. nº 288).

Os Exercícios Espirituais não estão pensados para se ficar parado neles, olhando para o céu (cf. At 1,11), mas para começar a viver de um modo novo, depois de se ter conhecido o Senhor internamente. Para ver com olhos novos a mesma realidade, ou melhor, para perceber a realidade das coisas — em Deus — lá onde antes a gente só percebia aparências, fenômenos isolados: de um lado, a nossa vida de oração e, de outro lado, o nosso trabalho; aqui a nossa solidão e lá as nossas relações familiares e sociais, e assim por diante. Mas o Senhor é quem sustenta tudo, e é ele quem unifica a nossa vida. Ele está sempre aí, mas é depois desta experiência nova (a experiência é imprescindível, mas nem sempre será fruto dos Exercícios, pois Deus fala como e quando quer) que vamos começar a perceber. Digo que vamos começar, porque se trata de uma longa caminhada.

Quando vivemos esta memória de todos os benefícios recebidos, quando sentimos com gratidão que é o próprio Senhor quem «deseja dar-se a si mesmo» [234], quando percebemos a presença divina em todas as suas criaturas, sobretudo em mim mesmo [235], quando sabemos que «Deus age e trabalha por mim em todas as coisas criadas sobre a terra» [236] (cf. Rm 8,28) e, finalmente, quando experimentamos como tudo de bom que a gente faz é Cristo mesmo que faz (cf. Gal 2,20), então podemos dizer, com verdade, «com toda a afeição», e não só de boca para fora: «Tomai, Senhor, e recebei...» [234]. Então, aí se dá a «comunhão mútua», a oferenda da própria vida do mesmo jeito que Cristo a deu por seus amigos como prova do seu amor (cf. Jo 13,1; 15,13). Então, aí terei sido alcançado/a pelo amor de Deus!

Desse modo, será uma realidade o nosso batismo: a nossa incorporação ao Corpo de Cristo, a consagração então recebida, que faz de todos nós membros de Cristo, imagens de Cristo que os outros poderão reconhecer, não pela aparência nem pela dignidade, mas pela transparência da própria vida entregue.

Então é que a vida da gente será verdadeiramente uma eucaristia, e então, e só então, é que integraremos o nosso amor pela eucaristia e a luta pela justiça e contra a opressão, porque esta luta não será a nossa luta e nem a eucaristia será a nossa devoção. Pois, então, o mundo será o templo onde a Igreja celebrará sua liturgia diante de Deus e dos seus santos, que estão sempre intercedendo por nós. Então, saberemos que Deus trabalha sempre em tudo, saberemos o como trabalhar com Cristo, por Cristo e em Cristo. Então, Deus transformará a oferenda das nossas vidas e do nosso trabalho no seu Corpo, e as eucaristias que celebrarmos serão sacramento — sinal eficaz — da entrega de Cristo — e nossa junto com ele — na luta diária pela transformação deste mundo.

Pe. Josafá é doutor em Biologia vegetal e professor na PUC do Rio de Janeiro. Na Vila Kostka, tem orientado Retiros ecológicos. O texto a seguir, tirado de conferência sobre a pedagogia inaciana, nos foi enviado diretamente pelo autor.

CONTEMPLAÇÃO PARA ALCANÇAR AMOR COMO FONTE INSPIRADORA PARA A QUESTÃO ECOLÓGICA

Josafá Carlos de Siqueira, SJ

Diante dos desafios que a questão ecológica nos apresenta, sobretudo no que se refere ao repensar a tríplice relação existente entre Deus-homem-natureza, valorizando mais a tradição bíblica manifestativa, onde a dimensão cosmocêntrica é mais enfatizada, a espiritualidade ocupa um papel fundamental. Além de S. Francisco de Assis e muitos outros mestres espirituais do catolicismo, que procuraram viver e transmitir uma relação profunda entre Deus-homem-natureza, não podemos deixar de destacar o nome de S. Inácio de Loyola. Para Inácio, a natureza é o *habitat* de Deus; é o lugar do trabalho e da ação de Deus; é a mediação para ajudar a pessoa humana a cumprir sua missão; é o lugar do *ad amorem*. Sobre esta sua evidência, explicitamente manifesta na "contemplação para alcançar amor" dos Exercícios Espirituais (EE), é que discorreremos sobre alguns pontos fundamentais.

Na última parte dos EE, Inácio de Loyola deseja que a pessoa faça uma experiência profunda da presença de Deus em tudo e em todos. Amorizados por Jesus Cristo, somos levados a contemplar e alcançar o amor que se manifesta no homem e na natureza. Superando o dualismo homem-natureza, a contemplação para alcançar amor deve ser um dos nossos fortes paradigmas inacianos, pois a mesma deveria estar intrinsecamente ligada à nossa ação pedagógica. Trata-se de uma relação de amor em que não se pode separar o divino, o humano e o cósmico, pois Deus está presente em tudo. Na nossa prática pedagógica, não deveria faltar alguns traços essenciais desta contemplação, a saber:

1. — "Trazer à memória os benefícios recebidos da criação" (EE 234): é nossa missão capacitar as pessoas a pensar e refletir, sobre tudo que temos recebido da criação, ou seja, da natureza, e louvar e agradecer a Deus por esses dons, numa atitude de respeito e admiração. O trazer à memória não é apenas refletir teoricamente sobre a questão, mas é também engajar a minha pessoa numa ação con-